

# O Cura D'Ars e a Igreja no Brasil

CMP 217 234

LUCIANO CABRAL DUARTE

O papa João Paulo 2º visitará a França, mais uma vez, nos próximos dias 4 a 7 de outubro. Passando por Lyon, Paray-le-Monial e Taizé, o papa pregará um retiro espiritual ao clero francês, em Ars, no último dia de sua peregrinação. Por que esta viagem a Ars? Por motivo de celebrar-se, neste ano, o segundo centenário do nascimento de São João Maria Vianney, o Cura d'Ars, patrono dos sacerdotes diocesanos.

Este pároco de uma obscura aldeia perto de Lyon, berço da França católica, sede primaz do episcopado, surge, aos meus olhos, como fonte de uma reflexão sobre o clero do meu país.

O Cura d'Ars nasceu em Dardilly, perto de Lyon, em 1786, e seus pais eram agricultores da classe pobre. Vindo à luz deste mundo três anos antes da revolução francesa, visceralmente anticleral, Jean-Marie conheceu a infância e adolescência, a odisséia dos "padres refratários". Assim eram chamados, na França, os sacerdotes fiéis à Igreja Católica, que, naquela época, se recusavam a prestar juramento de fidelidade incondicional ao novo regime. A República francesa nascera do caldeirão dos anos do Terror e de um dilúvio de materialismo o mais rotundo e intollerante.

É na pequena propriedade de seu pai, em Dardilly, que na alma do camponês tímido e sem cultura que era João Maria Vianney, a vocação ao sacerdócio foi rompendo seu misterioso caminho.

A nomeação do padre Balley, um ardente apóstolo da renovação espiritual do povo, para assumir a paróquia de Ecully, da qual dependia o vilarejo de Dardilly, foi um fator decisivo no rumo que vai tomar a insegura vocação do futuro santo. Angustiado com a falta de sacerdotes na França, o padre Balley transformou sua casa presbiteral num seminário. Aí João Maria prosseguiu seus estudos. Tempos duros e áspers. Nosso jovem camponês, dotado de

um talento manual, tinha grandes dificuldades para aprender as matérias que lhe ensinavam, em particular o latim. Um historiador da vida do Cura d'Ars assim descreve este período de sua existência: "Ele ignorava quase tudo. Era com grande dificuldade que lia o latim do breviário. Sua compreensão era lenta; sua memória troçava em múltiplos esquecimentos; decididamente, ele não progredia nos estudos".

É em 1812, quando Jean-Marie tinha 26 anos, que o padre Balley resolve enviar seu pupilo ao seminário para estudar Filosofia e, em seguida, Teologia. Por causa de sua ignorância em latim, ele foi despedido do seminário. Novamente resgatado por seu amigo, o padre Balley, finalmente, após um mal sucedido exame em Teologia (sempre o latim: oh, este "De Bello Gallico"...), o superior encarregado de dar a última palavra assim desatou o nó da questão: — "Este jovem tem vida interior, de oração? Reza com piedade o rosário? Tem um amor profundo à Virgem Maria, Mãe de Deus? Então basta: a graça do Senhor fará o resto"... No dia 13 de agosto de 1813, catedral de Grenoble, Jean-Marie Vianney era ordenado sacerdote de Jesus Cristo.

Sua vida mostrou que a decisão de conferir-lhe o sacramento da Ordem fora acertada. Jean-Marie morreu em Ars, em 1859, com 73 anos. Pio 11 o canonizou como santo da Igreja Católica, em 1925.

Seus biógrafos recolheram, dos lábios dos que ouviram o santo e de alguns escritos deixados por ele, uma coletânea impressionante de palavras ponderadas, cheias de sabedoria terrantesa, muitas vezes tocadas por uma centelha de iluminação sobrenatural.

Deste repositório inestimável vou transcrever aqui, sobre o sacerdócio, alguns dos pensamentos de João Maria Vianney, sacerdócio que ele desejou de modo tão ardente e na direção do qual caminhou por uma

estrada de humilhações e de emba-raços. Ei-los:

"Depois de Deus, o sacerdote é tudo".

"Ninguém pode recordar um benefício recebido de Deus, sem encontrar, ao lado desta lembrança, a figura de um padre".

"O sacerdócio é o amor de Nosso Senhor Jesus Cristo".

"Quando um cristão avista um padre, deve pensar em Jesus Cristo".

"Se a Igreja não tivesse o sacramento da Ordem, não teríamos entre nós Jesus Cristo. Quem o coloca no tabernáculo? O padre. Quem acolheu nossa alma, na entrada da vida? O padre. Quem a alimenta, dando-lhe forças para a peregrinação pela terra? O padre. Quem a preparará para comparecer diante de Deus, lavando-a, uma última vez, com o sangue de Cristo? O padre, sempre o padre. É o padre quem continua a obra da Redenção na terra".

"O padre deve estar sempre pronto para responder às necessidades das almas".

"No lugar em que não há mais um padre, não há mais o sacrifício da Missa. E, normalmente, não existe mais religião".

"Deixai uma paróquia sem padre por vinte anos, e aí se adorarão os animais".

"Quando se quer destruir a religião, sempre se começa por atacar e destruir o padre".

"Quanto é triste um padre que não tem vida interior. Mas, para tê-la, é preciso que haja tranquilidade, e silêncio, e o retiro espiritual".

"O que nos impede de sermos santos, a nós, os padres, é a falta de reflexão. Nós não entramos mais em nós mesmos, não sabemos o que estamos fazendo. O que nos falta é a reflexão, a oração, a união com Deus".

\*\*\*

Esta grinalda de flores do espírito parecerá bolorenta e ultrapassada a vários dos meus leitores. Não estamos nós no tempo em que se ensina aos seminaristas, às vésperas da

ordenação, que a primeira qualidade do padre hodierno é ser "um líder popular? E entretanto, é o Cura d'Ars quem tem razão. Neste segundo centenário do padre João Maria Vianney, a mensagem que me parece vir de Ars para o Brasil católico é a seguinte.

Vamos reconhecer humildemente a pobreza espiritual do Brasil católico, cuja cristandade, em quinhentos anos de existência, não foi capaz de gerar seu próprio clero, suas próprias religiosas. Temos treze mil padres, e precisamos de 130 mil, para alcançar a proporção considerada correta, de um sacerdote para mil batizados.

São muitas as causas por que não surgem os sacerdotes brasileiros de que necessitamos. Uma delas, a mais grave, no meu entender, é que nas famílias católicas não há nem amor nem respeito ao sacerdócio. A missão do padre vai contra a corrente da mentalidade de nossos dias. Todos querem uma profissão de sucesso para seus filhos: e o sacerdócio não é uma carreira, e sim uma consagração, uma entrega, um despojamento.

Quando teremos, no Brasil, a mentalidade reinante na República da Irlanda, naquela "Ilha dos Santos" cristianizada no século 5, onde o ponto de honra de uma família é que Deus chame um de seus filhos ou filhas para o seu serviço?

"Tempora mala sunt" ("Os tempos são maus"), como diria São Paulo. Mas, a sementeira na tempestade tem tido, na vida da Igreja, resultados surpreendentes. Grande e pobre vigário da roça, São João Maria Vianney! Chamado por Deus para ser a claridade espiritual da França, o reflexo da face de Jesus Cristo, no momento em que, naquele país, "todos os que tinham um nome de destaque nas artes, na literatura e nas ciências eram anti-religiosos, e Renan reinava", como escreveu Paul Claudel.

D. LUCIANO JOSÉ CABRAL DUARTE, 61, arcebispo de Aracaju (SE), é doutor em Filosofia pela Universidade, Sorbonne (França).

Folha de São Paulo - 26-IX-1986